

encontros e encontros
de portugal no mundo
leonídio paulo ferreira

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| ÁFRICA | 11 |
| África do Sul — A lisboeta que é banqueira na África do Sul | 15 |
| Argélia — Trocar a presidência pela Argélia | 17 |
| Benim — Uma multidão de Souzas no Benim ... | 21 |
| Egito — O repórter Eça na inauguração do canal do Suez | 25 |
| Guiné-Conacri — Um militar que desconhecia o medo | 29 |
| Marrocos — Um neto de Afonso Henriques a lutar no lado mouro | 33 |
| | |
| AMÉRICA | 35 |
| Argentina — Uma lisboeta primeira-dama da Argentina | 39 |
| Brasil — Nem Brasil nem Portugal, Pão de Açúcar é francês | 43 |
| Canadá — O primeiro carteiro do Canadá | 47 |
| Chile — O portuense que fotografou a efêmera era Allende | 51 |

| | |
|--|----|
| Cuba — A filha do PIDE apaixonada pela revolução cubana | 55 |
| El Salvador — De El Salvador para a descoberta da Califórnia | 59 |
| Equador — Conquistar a Amazónia e só parar no Equador | 61 |
| EUA — Primeiro negro de Nova Iorque era portu- guês e primeiro hispânico também | 63 |
| Jamaica — Jamaica teve pirata judeu e chamava-se Henriques | 71 |
| México — Um compositor português a usar a língua dos astecas | 75 |
| Venezuela — O algarvio antepassado de Bolívar ... | 77 |

ÁSIA E OCEÂNIA

| | |
|--|----|
| Afganistão — Pacificador no cemitério de impérios | 83 |
| Arábia Saudita — Em Meca disfarçado de muçulmano | 87 |
| Bahrein — O arquiteto de Óbidos que fez obra no Bahrein | 89 |
| Birmânia — O mercenário que queria ser rei | 91 |
| Butão — O que faz felizes dois butaneses a estudar em Portugal? Ver o Benfica | 93 |
| Camboja — O frade maravilhado com um templo oriental | 97 |
| China — O beirão que traduziu Confúcio | 99 |

| | |
|---|-----|
| Coreia do Sul — O negociante no reino eremita | 103 |
| Índia — A amante do príncipe muçulmano da Índia | 105 |
| Irão — Fui ao Irão espiar a tática de Carlos Koorosh | 109 |
| Iraque — Cozido dos Açores para Saddam | 113 |
| Japão — Em Nagasáqui, é boa a memória de Portugal, e não só entre cristãos | 115 |
| Laos — O fazedor de reis nascido em Amarante | 121 |
| Nepal — De Celorico da Beira a Katmandu ... | 123 |
| Nova Zelândia — Na Nova Zelândia em missão secreta | 125 |
| Sri Lanka — De espião português a santo | 127 |
| Tailândia — Quando a América fazia tratados em português | 129 |
| Vietname — Pôr os vietnamitas a escrever com o alfabeto latino | 133 |

EUROPA 137

| | |
|---|-----|
| Alemanha — O nosso herói de Estugarda | 141 |
| Áustria — Uma poetisa portuguesa na corte dos Habsburgos | 143 |
| Croácia — Um lusitano médico em Dubrovnik ... | 147 |
| Dinamarca — Uma portuguesa má da fita na Dinamarca | 149 |
| Espanha — A portuguesa que imaginou o Museu do Prado | 151 |

| | |
|---|-----|
| França — O nosso resistente em França | 155 |
| Grã-Bretanha — A inventora do chá | |
| das cinco britânico | 161 |
| Grécia — Quando a armada inglesa obrigou a | |
| Grécia a pagar a dívida a um português | 163 |
| Hungria — O embaixador que salvou | |
| Zsa Zsa Gabor dos nazis | 167 |
| Itália — Um académico que chegou a Papa | 171 |
| Malta — Um grão-mestre a defender uma ilha | 173 |
| Polónia — Quase que um português era eleito Rei | |
| da Polónia | 175 |
| Roméia — O embaixador que quis ficar | |
| na Roméia | 179 |
| Rússia — Quando o rouxinol de Setúbal | |
| encantava a czarina | 183 |
| Suécia — O jesuíta que ajudou uma Rainha | |
| a ser fiel ao Papa | 187 |
| Suíça — Sonhar a revolução à beira | |
| do lago Léman | 191 |
| Turquia — A judia lisboeta banqueira | |
| de reis e sultões | 195 |

ÁFRICA

Ainda mal Portugal existia como país independente e já África estava presente na sua História, basta pensar em D. Pedro de Portugal, neto de D. Afonso Henriques, que andou por Marrocos no século XIII ao serviço do sultão. E mesmo excluindo os cinco países que hoje têm língua oficial portuguesa, não faltam encontros e encontrões por terras africanas, basta pensar em Francisco Félix de Souza, traficante de escravos no Benim, ou em Maria Ramos, banqueira na África do Sul.

ÁFRICA DO SUL

A LISBOETA QUE É BANQUEIRA NA ÁFRICA DO SUL

Seja a revista *Forbes* (como a que me veio parar às mãos em junho de 2011), seja a sua rival *Fortune*, é habitual incluírem nas suas listas a gestora Maria Ramos como uma das mulheres mais influentes de África, por vezes até do mundo. Não é nenhum exagero, pois esta lisboeta nascida em 1959 tornou-se uma figura proeminente na África do Sul pós-*apartheid*, tendo trabalhado no ANC [African National Congress], o partido de Nelson Mandela, e depois para o próprio governo, além de para grandes empresas.

Antes da África do Sul, a família de Ramos ainda tentou instalar-se em Moçambique, então colónia portuguesa, mas Vereening, uns 60 quilómetros a sul de Joanesburgo, acabou por ser a escolha para assentar, tinha a miúda apenas seis anos.

Aos 18 anos começou a trabalhar no Barclays e não tardou a que descobrisse uma bolsa de estudos para funcionários, que na realidade só era atribuída a homens. Era a época da

discriminação racial oficial contra os negros e Ramos mostrava que não toleraria que além da cor também o género causasse problemas.

Conseguiu o diploma de banqueira em 1983, depois obteve mais dois títulos académicos até somar um mestrado em Economia pela Universidade de Londres em 1992. Entretanto, começou a colaborar com o ANC, e já com Mandela Presidente, assume em 1996 a chefia do departamento de Finanças. É a época em que conhece o atual marido, Trevor Manuel, ministro e figura influente do partido que governa a África do Sul desde o fim do regime racista branco. Como o apelido sugere, e a lenda familiar conta, Manuel descende de um emigrante português que se casou com uma negra sul-africana.

Até recentemente, Maria Ramos liderava o banco Absa, de um grupo com negócios numa dezena de outros países africanos. A última notícia sobre ela foi a participação na cerimónia de tomada de posse de Cyril Ramaphosa, em maio de 2019, reforçando a ideia de que pode vir a ser chamada pelo Presidente para algum cargo de protagonismo.

ARGÉLIA

TROCAR A PRESIDÊNCIA PELA ARGÉLIA

Foi na Bougie dos tempos ainda da Argélia francesa que Manuel Teixeira Gomes passou os dez últimos anos de vida, vivendo uma vida burguesa no hotel L'Étoile, mas sem deixar que se soubesse que o distinto cavalheiro que passava horas infinitas a escrever era um antigo Presidente da República Portuguesa. Foi preciso um jornalista português ter ido em sua busca, o célebre Norberto Lopes do *Diário de Lisboa*, para que finalmente na pequena cidade à beira do Mediterrâneo se descobrisse que o escritor misterioso tinha sido um político influente, mas que, desiludido com o rumo da pátria, se autoexilara.

Foi também em Bougie, a atual Bejaia, que Teixeira Gomes escreveu uma das suas obras mais célebres, *Maria Adelaide*, e não por acaso o filme *Zeus*, que retrata a vida do antigo Presidente e que foi estreado tanto em Portugal como na Argélia, junta o relato biográfico com cenas ficcionadas motivadas pelo romance.

O erotismo está presente no filme, como nos livros e na vida de Teixeira Gomes, sobre cuja sexualidade muito se especulou, a ponto de este ter chegado a dizer que não tinha segredos, mas sim mistérios.

Zeus é o nome do pacote que levou Teixeira Gomes para longe de Lisboa, em finais de 1925, pouco depois de ter renunciado a cumprir os dois anos que lhe faltavam de mandato. Adivinhava que uma ditadura militar vinha a caminho e estava cansado da politiquice da Primeira República, à qual servira sempre bem, primeiro que tudo como embaixador em Inglaterra logo após o 5 de Outubro de 1910.

Nascido numa próspera família de Portimão em 1860, Manuel Teixeira Gomes andou num seminário em Coimbra e depois chegou a estudar Medicina. A vida boémia foi, porém, conquistando-o, e conviveu em Lisboa e depois no Porto com muita da intelectualidade da época. Dessa altura terão ficado o ateísmo e o republicanismo convictos, que mantém mesmo quando faz as pazes com a família e integra a empresa familiar de exportação de figos e outros frutos secos.

Ao serviço da empresa familiar viaja muito, não só pela Europa como pelo Norte de África e Médio Oriente. Ganhará a facilidade nas línguas, que muito útil será à vida diplomática, e o interesse na cultura árabe, a explicar talvez a opção pela Argélia quando já tem 70 anos.

Da sua vida privada, sempre pouco convencional, destaca-se aos 40 anos o casamento com Belmira, algarvia de poucos estudos e de apenas 14 anos, do qual nasceram duas filhas.

O repatriamento do corpo em 1950 teve direito a cerimónia pública em Portimão, com as filhas presentes. Em Bejaia, hoje há um busto de Teixeira Gomes, e em alguns círculos argelinos existe a vontade de acarinhar a figura do antigo Presidente português como elo de ligação entre os dois países, por isso o filme, em que Sinde Filipe interpretou o escritor e político algarvio, foi uma coprodução luso-argelina.